

OS DURKHEIMIANOS NO MUSÉE DES ANTIQUITÉS NATIONALES: SOBRE REDES INTELECTUAIS E DIÁLOGOS INTERDISCIPLINARES (FRANÇA, TERCEIRA REPÚBLICA)¹

Rafael Faraco Benthien

Pós-doutorando – Departamento de Sociologia da
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
da Universidade de São Paulo (bolsista Fapesp).

Contato

Rua Dr. Nogueira Martins, 420, Apto. 83
04143-020 – Saúde – São Paulo – SP
E-mail: rfbenthien@hotmail.com

Resumo

O Musée des Antiquités Nationales acolheu sociólogos próximos a Durkheim enquanto eles lutavam para se firmar no cenário intelectual francês. O presente artigo visa apresentar e discutir o perfil de tal instituição, dando ênfase ao espaço que a sociologia veio aí a ocupar.

Palavras-chave

Musée des Antiquités Nationales – sociologia – arqueologia.

¹ O presente artigo apresenta resultados de minha tese “Interdisciplinaridades: latinistas, hele-
nistas e sociólogos em revistas”, defendida em maio de 2011 junto ao programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo, apoiada pela Fapesp e orientada por Francisco Murari Pires. Uma primeira versão do presente texto foi apresentada, nos quadros de um *study day* organizado pelo British Centre for Durkheimian Studies da Universidade de Oxford, em novembro de 2010. O nome de Christine Lorre merece ser aqui evocado: sem ela, muito do que se vê aqui não teria sido possível. Por fim, indico que toda tradução dos textos franceses, salvo indicação contrária, é de minha responsabilidade.

DURKHEIMIANS
AT THE MUSÉE
DES ANTIQUITÉS
NATIONALES:
ABOUT INTELECTUAL
NETWORKS AND
INTERDISCIPLINARY
DIALOGUES (FRANCE,
THIRD REPUBLIC)

Contact

Rua Dr. Nogueira Martins, 420, Apto. 83
04143-020 – Saúde – São Paulo – SP
E-mail: rfbenthien@hotmail.com

Rafael Faraco Benthien

Postdoctoral student at Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas of Universidade de São Paulo (Fapesp's Grantee).

Abstract

The Musée des Antiquités Nationales hosted sociologists close to Durkheim during the period they struggled to establish themselves on the French intellectual scene. This paper aims to present and discuss the profile of this Museum, emphasizing the space sociology held in that institution.

Keywords

Musée des Antiquités Nationales – sociology – archeology.

Em um texto autobiográfico produzido em 1930, por ocasião de sua derradeira campanha ao Collège de France, Marcel Mauss apresentou nos seguintes termos o projeto intelectual que o ligava a Henri Hubert, seu amigo e interlocutor privilegiado:²

Nós [Hubert e eu] descobrimos juntos o mundo [da] humanidade pré-histórica, primitiva, exótica, o mundo semítico e o mundo indiano, além do mundo antigo e do mundo cristão que já conhecíamos. Quando dividimos nossos estudos e repartimos nossas competências para melhor conhecer esses mundos, fomos um pouco loucos. Ainda assim, graças ao bom senso e ao trabalho, creio eu, realizamos nosso projeto. Só a morte de Hubert o torna caduco. Sem ela, com a ajuda de nossos alunos, apoiados no Museu de Saint-Germain, no Institut d'Ethnologie e no *Année Sociologique*, confrontando os últimos resultados de nossos trabalhos com o de outros especialistas de nossas ciências tornados cada dia mais numerosos sobretudo no estrangeiro, nós recolheríamos os frutos tardios de nossos esforços.

A despeito da importância que lhe foi atribuída na passagem acima reproduzida, o Musée des Antiquités Nationales, situado em Saint-Germain-en-Laye, nos arredores de Paris, suscitou até hoje pouco interesse dos especialistas na história da “escola sociológica francesa”. Em paralelo aos estudos pontuais voltados à influência da sociologia na montagem de suas salas de exposição e na análise de suas coleções,³ a única investigação sistemática produzida sobre o tema foi o dossiê “Henri Hubert”, publicado há pouco mais de uma década por Patrice Brun e Laurent Olivier na revista *Les Nouvelles de l'Archéologie*.⁴ Nele, porém, tratou-se basicamente de caracterizar a formação do Hubert-arqueólogo, de mapear suas contribuições ao museu e de mensurar o impacto de sua obra no desenvolvimento da arqueologia francesa.

Ainda que se reconheça o interesse de uma investigação acerca dos sucessos e dos fracassos da sociologia sob a perspectiva de uma disciplina como a arqueologia, o presente artigo investe em outra direção. Importa mais aqui destacar algumas das redes institucionais e intelectuais que

² MAUSS, Marcel. L'œuvre de Marcel Mauss par lui-même. *Revue Française de Sociologie*. Paris: CNRS, vol. 20-21, 1979, p. 215.

³ Em especial, MOHEN, Jean-Pierre. Henri Hubert et la Salle de Mars. *Antiquités Nationales*. Saint-Germain-en-Laye: Musée des Antiquités Nationales, nº 12-13, 1980-1981, p. 85-89; e LORRE, Christine. Henri Hubert (1872-1927) et l'aménagement de la Salle de Mars: un atelier de sociologie durkheimienne. *Antiquités Nationales*. Saint-Germain-en-Laye: Musée d'Archéologie Nationale, nº 41, 2010.

⁴ Cf. BRUN, Patrice; OLIVIER, Laurant. Henri Hubert. *Les Nouvelles de l'Archéologie*. Paris: Maison de Sciences de l'Homme, nº 79, 2000, p. 5-32.

atravessaram o Musée des Antiquités Nationales na *Belle Époque*, bem como problematizar os eventuais usos que os colaboradores de *L'Année Sociologique* delas fizeram. Com efeito, não se pode ignorar que diretores e conservadores dessa instituição transitaram também por espaços não necessariamente ligados à arqueologia, permitindo com que mundos diferentes pudessem aí convergir. Mas quem foram eles? Quais pontes ajudaram a construir? E, por fim, como isso tangenciou o processo de emergência da sociologia universitária?

Alexandre Bertrand e os primórdios do Museu de Saint-Germain

A inauguração do Musée des Antiquités Nationales, ocorrida em meio às festividades da Exposição Universal de 1867, remete às agendas políticas e científicas do Segundo Império. Alguns anos antes, interessado em alimentar o nacionalismo francês contra as ameaças advindas dos processos de unificação da Itália e da Alemanha, Napoleão III havia financiado uma série de escavações em Alise-Sainte-Reine, no departamento da Côte-d'Or, centro-leste do país. Engajado na redação de uma biografia de Júlio César, na qual a conquista da Gália ocupa um considerável espaço, o imperador almejava aí recolher vestígios da passagem do general romano. O resultado, no entanto, superou as expectativas iniciais: os especialistas encarregados da exploração julgaram encontrar em Alise-Sainte-Reine as ruínas da cidade de Alésia, último bastião da resistência gaulesa contra a ocupação romana. O Estado passou então a se preocupar com o tratamento e a exposição do material acumulado. Em se tratando de um dos episódios mais simbólicos para a constituição do povo francês, era preciso agir rápido.

O decreto determinando a criação de um museu destinado às antiguidades galo-romanas em Saint-Germain-en-Laye foi assinado em março de 1862, em meio às descobertas na Côte-d'Or. Quanto ao local designado para acolhê-lo, tratava-se de uma municipalidade rica, situada cerca de vinte quilômetros a oeste da capital e a ela ligada por uma linha férrea desde 1847. Mas o maior patrimônio de Saint-Germain-en-Laye era outro, sua história. Entre o século XII e o término da construção de Versailles, em 1682, ela dividiu com Paris a honra de abrigar a corte real. Pensando em vincular o novo museu a esse glorioso passado nacional, o governo francês optou por instalá-lo em um dos palácios locais, o "velho castelo", situado nas imediações da estação de trens. Nomeada em abril de 1865, uma comissão de notáveis foi incumbida das tarefas de velar pelo restauro da futura sede e de conceber

seu regulamento científico. Um ano mais tarde, definiu-se a vocação da instituição nos seguintes termos:⁵

O museu de Saint-Germain tem por finalidade centralizar todos os documentos relativos à história das raças que ocuparam o território da Gália desde os tempos mais remotos até o reino de Carlos Magno, classificar esses documentos de acordo com uma ordem metódica, tornar seu estudo fácil e disponível ao público, editá-los e difundir seu ensino.

Desse modo, se o Louvre pretendia servir à França ao especializar-se cada vez mais na história dita universal, o que incluía os vestígios materiais de antigas civilizações e as façanhas artísticas das modernas, Saint-Germain investiu na pré-história, na Antiguidade e no Medievo, mas privilegiando um ângulo de ataque nacional. Complementares, as duas instituições passaram a constituir o núcleo do que à época se considerava o melhor em termos de ensino e de pesquisa arqueológicas na França.⁶

Dentre os vários responsáveis pelo sucesso desse projeto, destaca-se o nome de Alexandre Bertrand. Ele foi o único a participar das escavações em Alise-Sainte-Reine, a integrar a comissão responsável pela criação do museu e, ainda, a ser seu primeiro diretor, posição que manteve por um período de trinta e cinco anos, até sua morte em 1902. Nascido na Paris de 1820, Bertrand pertenceu a uma família inclinada às atividades intelectuais: seu pai (1795–1831), de quem herdou nome e sobrenome, era um reputado médico, ao passo que seu irmão caçula, Joseph (1822–1900), veio a se tornar professor de matemática e de física no Collège de France. Sua formação escolar e profissional sofreu assim uma influência das ciências naturais. Em um primeiro momento, ele chegou mesmo a obter um bacharelado de ciências, embora tenha optado por prestar a seguir o exame de admissão na seção de letras da École Normale Supérieure, onde foi recebido em 1840. Na sequência, Bertrand atuou como professor do ensino fundamental em Pau e, mais tarde, como bolsista de *agrégation* em Paris.

O sucesso no concurso de *agrégation de lettres* em 1848 lhe permitiu o primeiro contato com a arqueologia. Graças a ele, Bertrand atuou como membro da recém-fundada École Française d'Athènes. Sabe-se que as primeiras décadas dessa instituição foram marcadas por precariedades de toda sorte.⁷

⁵ Disponível em www.musee-archeologienationale.fr/template.php?SPAGE=21. Acesso 15/08/2011.

⁶ Isso explica, a reboque, o caráter elitista do recrutamento da instituição. Como se verá na sequência, três dos quatro conservadores que o MAN teve até 1918 provinham das melhores *écoles* francesas.

⁷ Cf. VALENTI, Catherine. *L'École Française d'Athènes*. Paris: Belin, 2006, p. 11–55.

Na ausência de um projeto científico claro, ela tateava entre a tradição literária francesa e o primeiro contato com novas disciplinas como a epigrafia e a arqueologia. Alexandre Bertrand, como assinala uma recente nota biográfica, encarnou perfeitamente tal ambiguidade.⁸ Nos anos em que foi professor de retórica no liceu de Rennes (1851-1858), logo após seu retorno da Grécia, os temas de sua tese e de seus primeiros livros estiveram ligados ao estudo tanto da mitologia quanto da arqueologia helênicas.⁹

A conversão definitiva de Bertrand à arqueologia se deu após esse período, quando assumiu a direção da *Revue Archéologique* e, sobretudo, quando tomou parte nas escavações iniciadas na Côte-d'Or, respectivamente em 1860 e 1861. Ao menos é o que sugere a rápida transformação de seus interesses e de suas inserções institucionais. Em meados da década de 1860, ele publicou uma edição crítica das memórias de César sobre sua campanha na Gália, aí incluindo longas discussões arqueológicas.¹⁰ Nas décadas de 1870 e 1880, deu ênfase à produção dos primeiros catálogos sistemáticos sobre a arqueologia céltica e gaulesa.¹¹ Por fim, em seus últimos anos de vida, explorou os vestígios dos celtas fora da Gália (no norte da Itália e ao longo do Danúbio), bem como se interessou por estudar suas crenças religiosas.¹² Quanto às prebendas acumuladas, além da direção do Musée des Antiquités Nationales e da *Revue Archéologique*, Bertrand passou a ocupar, por ocasião da fundação da École du Louvre em 1882, a cadeira intitulada Archéologie Nationale. Ele ainda se tornou membro fundador da Association pour l'Encouragement

⁸ CHEW, Hélène. Alexandre Bertrand. In: SÉNÉCHAL, Claire; BABILLON, Philippe. (orgs.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2010. Disponível em <http://www.inha.fr/spip.php?article2197>. Consultado em 13/08/2011.

⁹ Trata-se de BERTRAND, Alexandre. *Essai sur les dieux protecteurs des héros grecs et troyens dans l'Iliade*. Paris: Catel, 1858 e BERTRAND, Alexandre. *Études de mythologie et d'archéologie grecques d'Athènes à Argos*. Paris: Catel, 1858. É interessante comparar sua trajetória com a de outro pioneiro dos estudos científicos franceses, Michel Bréal. Também neste caso, a consagração enquanto linguista veio após os estudos sobre mitologia e semântica envolvendo basicamente a cultura greco-latina. Veja-se, por exemplo, as diferenças de conteúdo entre os artigos mais antigos e os mais recentes que compõem a seguinte coletânea: BRÉAL, Michel. *Mélanges de mythologie et de linguistique*. Paris: Hachette, 1877.

¹⁰ Cf. BERTRAND, Alexandre; CREULY, Casimir. *Commentaires de Jules César. Guerres de Gaules*. Paris: Didier, 1865.

¹¹ BERTRAND, Alexandre. *Archéologie celtique et gauloise: mémoires et documents relatifs aux premiers temps de notre histoire nationale*. Paris: Didier, 1876; BERTRAND, Alexandre. *La Gaule avant des gaulois: d'après les monuments et les textes*. Paris: Leroux, 1884.

¹² Cf., respectivamente, BERTRAND, Alexandre; REINACH, Salomon. *Les celtes dans la vallée du Pô*. Paris: s. e., 1894. BERTRAND, Alexandre. *La religion des gaulois, les druides et le druidisme*. Paris: s. e., 1897.

des Études Grecques en France (1867), presidente da Société d'Anthropologie de Paris (1868) e foi eleito membro efetivo da Académie des Inscriptions et Belles-Lettres (1881).

Sem entrar aqui nos méritos ou na atualidade dos trabalhos de Bertrand, é possível reconhecer que sua trajetória ilumina, por si só, muitas das circunstâncias que marcaram os primórdios do museu de Saint-Germain. Ela permite atentar, em primeiro lugar, para certas especificidades do sistema de ensino francês. Estando aí bastante implicado, Bertrand representou uma das possibilidades de autossuperação desse sistema; afinal, se ele permaneceu marcado por um ensino literário clássico, então dominante, utilizou esse saber para avançar na direção da investigação científica.¹⁵ Os vínculos com a Association pour l'Encouragement des Études Grecques en France e sua eleição para o Institut mostram bem que não houve de sua parte intenção de ruptura institucional, assim como apontam para a boa acolhida que lhe foi reservada. Já, quanto às aproximações com as ciências naturais e com a antropologia, tão necessárias ao desenvolvimento da arqueologia moderna, elas esclarecem as direções nas quais foi possível acrescentar algo ao que já se fazia na universidade francesa.

O segundo ponto a ser aqui destacado é que os *links* institucionais e a consagração intelectual de Bertrand se confundiram com o Musée des Antiquités Nationales, conformando seu legado à instituição. De fato, estando seu diretor em uma posição hierarquicamente dominante nos primórdios da arqueologia francesa, seus atributos passaram a ser aqueles de um patrão. Em termos práticos, isso significou que a direção da *Revue Archéologique*, o ensino de Archéologie Nationale na École du Louvre e o reconhecimento da Académie des Inscriptions estiveram, a partir de então, vinculados às atribuições do diretor do Museu.¹⁴ Eis aí a rede intelectual e institucional que foi herdada por seus sucessores.

¹⁵ Com efeito, é importante destacar aqui que a moderna universidade francesa, constituída a partir da imitação e sob a pressão de sua homóloga alemã, manteve-se muito tributária das belas letras e das demandas do ensino secundário, sobretudo no que concerne à história e às ciências sociais. Veja-se, RINGER, Fritz. *Fields of knowledge*. Cambridge: Cambridge, 1992; e BENTHIEN, Rafael Faraco. *Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas*. Tese de doutorado, História Social, Universidade de São Paulo, 2011, p. 4-8.

¹⁴ Isto, bem entendido, no interior do próprio sistema de ensino e pesquisa francês. Sobre as relações que Bertrand estabelecerá com instituições de outros países, cf. CHEW, Hélène. *Les échanges archéologiques internationaux au XIXe siècle. L'exemple d'Alexandre Bertrand et du Musée des Antiquités Nationales*. In: MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION. *Les dépôts de l'État au XIXe siècle. Politiques patrimoniales et destin d'oeuvres*. Paris: Louvre, 2008.

Salomon Reinach, prodígio e polígrafo

Substituto imediato de Bertrand na direção do Musée des Antiquités Nationales, Salomon Reinach vem ganhando destaque nos estudos sobre a “escola sociológica francesa”. Praticamente ignorado até os anos 1990, ele voltou a figurar nos debates como um importante “concorrente” dos durkheimianos entre os “modernistas” no campo dos estudos religiosos.¹⁵ Tal ajuizamento justo, centrado em uma leitura de seus escritos antropológicos, precisa, no entanto, ser complexificado.¹⁶ Com efeito, Reinach encarnou como poucos o ideal do polígrafo prodígio: além de tratar de assuntos relativos ao que à época se entendia por antropologia, ele abordou desde muito cedo temas relacionados às histórias da arte, do judaísmo e da filosofia, trabalhando igualmente com a arqueologia helênica e céltica. Antes de tratar de suas relações com o museu de Saint-Germain e com os sociólogos, cumpre apresentar, em grandes linhas, seu *background* familiar e trajetória.¹⁷

Os Reinach franceses, ramo de uma família judaica originária da Suíça alemã, estabeleceram-se em Paris em meados do século XIX. O pai de Salomon, Hermann (1814-1899), tornou-se um dos grandes banqueiros do Segundo Império, frequentando assiduamente os círculos letrados de então. Foi nesse ambiente privilegiado que ele educou seus três filhos, Joseph (1856-1921), Salomon (1858-1932) e Théodore (1860-1928). Conhecidos popularmente no início do século XX como “os irmãos eu sei tudo” (*les frères je sais tout*), os três se firmaram, cada um a seu modo, como personalidades da Terceira República. Joseph, o varão, após realizar seus estudos de direito, dedicou-se à advocacia e à política. Ele iniciou suas atividades de homem público como secretário pessoal de Léon Gambetta, atuando ainda como defensor do ca-

¹⁵ Na biografia de Durkheim escrita por Stephen Lukes, o nome de Salomon Reinach sequer consta no índice onomástico (Cf. LUKES, Stephen. *Émile Durkheim*. Londres: A. Lane, 1973). Quanto à tese da “concorrência”, veja-se, em especial, STRENSKI, Ivan. *Durkheim and the Jews of France*. Chicago: University of Chicago Press, 1997, p. 53-81; assim como uma confirmação mais recente em FOURNIER, Marcel. *Émile Durkheim*. Paris: Fayard, 2007.

¹⁶ Cf., como um primeiro esforço nessa direção, a introdução à edição crítica que produzi das cartas que Émile Durkheim endereçou a Salomon Reinach: BENTHIEN, Rafael Faraco. *Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach*. In: *Durkheimian Studies*. Nova York: Berghahn Books, vol. 16, 2010, p. 19-21.

¹⁷ Veja-se, para maiores informações, BASCH, S.; ESPAGNE, Michel; LECLANT, J. (orgs.). *Les frères Reinach*. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2008. Uma recente nota biográfica bastante completa sobre Reinach, de autoria de Hervé Duchêne, foi igualmente publicada no site do *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2009. Disponível em <http://www.inha.fr/spip.php?article2511>. Consultado em 13/08/2011.

pitão Dreyfus e como deputado na Assembleia Nacional por dois mandatos, entre 1889 e 1914. Théodore, por seu turno, combinou a carreira universitária com atividades políticas. Doutor em direito e em história, ele se especializou no estudo da numismática antiga, atuando ainda como diretor da *Revue des Études Grecques* e da *Gazette des Beaux-Arts*. Como professor, atuou pontualmente em instituições públicas e privadas, até lhe ser atribuída a cadeira de Numismatique Ancienne no Collège de France (1924). Como político, em 1906, foi eleito para a Assembleia Nacional como deputado ligado à esquerda.

Dos três, Salomon foi quem mais se manteve colado a uma carreira propriamente universitária. Nascido em Saint-Germain-en-Laye, ele realizou os estudos secundários em Paris, acumulando uma série de prêmios nacionais. Na sequência, em 1876, ingressou como primeiro colocado no concurso de admissão da École Normale Supérieure, a mesma instituição que, apenas três anos mais tarde, frequentaria Durkheim. No período em que aí esteve, destacou-se pela qualidade e pela diversidade de seus investimentos. Não bastasse a obtenção do primeiro lugar no concurso de *agrégation de grammaire* em 1879, um dos concursos nacionais necessários para quem desejasse seguir uma carreira ligada à docência e à pesquisa, Salomon ainda traduziu o *Ensaio sobre o livre-arbítrio* de Schopenhauer, filósofo então em evidência, assim como escreveu um manual de filologia.¹⁸ Tamanha desenvoltura não deixou de ser reconhecida por seus contemporâneos. Na sequência, ele obteve do governo uma posição junto à École Française d'Athènes.¹⁹ Lá, em meio a um ambiente cosmopolita no qual conviviam e competiam pesquisadores advindos de outros países, em especial alemães e ingleses, Salomon recebeu a melhor formação em arqueologia e epigrafia disponível à época. Seguiu-se a Atenas um período de escavações no norte da África, até que, em 1886, ele foi nomeado *attaché libre* do Musée des Antiquités Nationales, tornando-se seu diretor após a morte de Bertrand, dezesseis anos mais tarde. Quanto às suas atividades docentes, Reinach assumiu os cursos de Archéologie Nationale (1890-1892, 1895-1905 e 1915-1920) e de Histoire de la Peinture de la Renaissance (1906-1910) na École du Louvre. Note-se, por fim, sua inserção em instituições como a Association pour l'Encouragement des Études Grecques

¹⁸ Veja-se, respectivamente, SCHOPENHAUER, Arthur. *Essai sur le libre-arbitre*. Trad. Salomon Reinach. Paris: Germer Baillière, 1877 e REINACH, Salomon. *Manuel de philologie classique*. Tomo 1. Paris: Hachette, 1880.

¹⁹ Já não se tratava, porém, da mesma instituição "literária" que conhecera Bertrand. Cf. VALENTI, Catherine. *L'École Française d'Athènes*. Paris: Belin, 2006, p. 59-96.

en France, da qual ele se tornou sócio em 1878, e a Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, para a qual foi eleito membro efetivo em 1896.

Mas a formação universitária de helenista e os vínculos com instituições dedicadas à arqueologia não devem obscurecer o fato de Reinach ter atuado em várias vanguardas científicas ao mesmo tempo, cumprindo igualmente o papel de divulgador dessa produção junto a um público leigo. Seus livros incluem, sem que a lista que se segue seja exaustiva, uma história da arte ocidental, uma história das religiões de inclinação antropológica, uma história da filosofia, métodos de aprendizado das línguas grega, latina e francesa, além de toda uma série de trabalhos mais específicos de história e de arqueologia.²⁰ Tamanha versatilidade se verifica também em seus engajamentos junto a periódicos acadêmicos. Ele se fez colaborador assíduo, para evocar os exemplos mais significativos, da *Revue des Études Grecques*, da *Revue des Études Juives*, da *Revue des Études Anciennes*, da *Revue Celtique*, de *L'Anthropologie* e da *Revue Archéologique*, da qual se tornou codiretor em 1903.

Para além do trabalho intelectual, Salomon Reinach ainda esteve direta ou indiretamente envolvido com as grandes questões da vida pública francesa na virada dos séculos XIX e XX. Pessoalmente, ele atuou nos meios letrados por ocasião do *affaire Dreyfus*, bem como se posicionou a favor das reformas do sistema de ensino (defendendo, por exemplo, a modernização do ensino das línguas, literaturas e pensamento greco-latinos).

Importa ainda evidenciar certas semelhanças e diferenças entre a trajetória de Reinach e a de Bertrand. Por certo, ambos passaram pelas mesmas instituições. A formação literária da École Normale Supérieure os marcou, bem como a iniciação à arqueologia e à epigrafia na École Française d'Athènes. Ainda assim, a universidade francesa não era a mesma no momento em que Bertrand iniciou sua carreira, nos anos 1850, e quando Reinach o fez, três décadas depois. Para um, a arqueologia era uma disciplina a ser construída, desprovida de grandes enquadramentos institucionais nas universidades e bastante marcada por uma inclinação "literária". Para o outro, tratava-se de uma posição herdada e já dotada de relativa complexidade.

²⁰ Cf., respectivamente, REINACH, Salomon. *Apollo: histoire générale des arts plastiques*. Paris: Picard, 1904; Id. *Orpheus: histoire générale des religions*. Paris: Picard, 1909; Id. *Lettres à Zoé sur l'histoire des philosophes*. Paris: Hachette, 1926; Id. *Eulalie ou le grecs sans larmes*. Paris: Hachette, 1911; Id. *Cornélie ou le latin sans pleures*. Paris: Hachette, 1912; Id. *Sidonie ou le français sans peine*. Paris: Hachette, 1913; Id. *Esquisses archéologiques*. Paris: Leroux, 1888; Id. *Les gaulois dans l'art antique*. Paris: Leroux, 1889; e, por fim, POTTIER, Edmond e REINACH, Salomon. *La nécropole de Myrina*. Paris: Thorin, 1887.

Reinach soube manter as redes estabelecidas por seu antecessor. Ele foi, até sua morte, diretor do Musée des Antiquités Nationales e da *Revue Archéologique*, atuando também como professor na École du Louvre. Sua eleição à Académie des Inscriptions e seu vínculo com a Société pour l'Encouragement des Études Grecques en France confirmam ainda o mesmo padrão. Mas não se trata apenas da manutenção de um legado. Reinach também o ampliou. Devem ser considerados, no seu caso, os vínculos com o mundo da política, assim como a excelência reconhecida em outras áreas. O interesse pela sociologia e o contato com os portadores de tal saber foi uma das facetas dessa ampliação.

Entre tensões e afinidades eletivas: Salomon Reinach e os durkheimianos

O contato inicial entre os durkheimianos e Salomon Reinach parece ter ocorrido logo antes da publicação do primeiro volume de *L'Année Sociologique*. Hubert e Mauss manifestaram então um claro desejo de tê-lo como aliado. Em fins de 1897, este escreveu àquele: "Seria muito divertido e muito positivo, materialmente, seduzir Reinach. Tal como os budas, façamos girar diante dele a roda da lei".²¹ Ao que Hubert respondeu, meses depois: "é um bravo homem esse Reinach (...); quando eu o conhecer melhor, espero que com um pouco de obstinação convertê-lo-ei às nossas ideias e fá-lo-ei servir a nossos desejos".²² O próprio Reinach acolheu com entusiasmo os sociólogos, pois, após travar contato com o *Année Sociologique* em março de 1898, chegou a convidar o diretor da nova revista, Émile Durkheim, para uma visita a Saint-Germain.²³ Dos quatro homens, aliás, Durkheim parece ter sido o mais reticente. Em uma carta endereçada ao seu sobrinho e datada de abril do mesmo ano, ele traça o seguinte retrato de Reinach: "trata-se certamente de um espírito ativo, [curioso?], de iniciativa. Mas, no fundo, ele continua um filólogo e está bem longe de nós".²⁴

Em paralelo à simpatia propriamente intelectual, outros fatores contribuíram para esse bom início de relação entre a "escola sociológica francesa"

²¹ Carta inédita de Mauss a Hubert, datada de 1897 e pertencente ao Fundo de Arquivos Hubert-Mauss, do Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (cota MAS 6.37).

²² Carta inédita de Hubert a Mauss, não datada, pertencente ao Fundo de Arquivos Hubert-Mauss, do Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (cota MAS 6.36).

²³ BENTHIEN, Rafael Faraco. *Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach*. In: *Durkheimian Studies*. Nova York: Berghahn Books, vol. 16, 2010, p. 22.

²⁴ DURKHEIM, Émile. *Lettres à Marcel Mauss*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998, p. 151.

e Reinach. A militância em favor da revisão do processo do capitão Dreyfus foi um deles. Hubert e Durkheim mantiveram contato regular com Reinach a esse respeito, ora para sondá-lo acerca de detalhes do *affaire*, ora para transmitir-lhe informações que julgavam importantes. Com exceção de um único ponto de tensão, a reprimenda que Hubert faz a Reinach por este ter aderido ao *Appel à l'Union* ao invés de assinar o *Manifeste des intellectuels*, os três manifestam a convicção de estarem servindo a mesma causa.²⁵ Quanto ao segundo fator, este remete à presença de Hubert no Musée des Antiquités Nationales a partir de 1898. O jovem sociólogo aí obteve, com o apoio de Reinach, sua primeira posição institucional, a qual manterá por toda a vida.

Mas o vínculo entre Reinach e os durkheimianos alternou momentos de maior e de menor proximidade. É possível caracterizar, a partir de seus artigos científicos e correspondências, três períodos distintos. No primeiro deles, situado *grosso modo* entre 1897 e 1906, manteve-se o ambiente de simpatia e cooperação iniciais. Em termos teóricos, Reinach acompanhou com interesse e constância a produção dos sociólogos. Em 1899, ele discutiu o trabalho de Durkheim sobre as origens do tabu do incesto.²⁶ No ano seguinte, por duas ocasiões, valeu-se do trabalho dos sociólogos para dar mais autoridade às suas teses sobre o tabu e o totemismo.²⁷ Em 1902, redigiu uma resenha elogiosa do texto *Sur le totemisme* de Durkheim, publicado um ano antes.²⁸ Em 1903, por fim, discutiu as teses dos sociólogos sobre “as formas de classificação”.²⁹ Os durkheimianos, em contrapartida, indicaram a produção de Reinach aos seus leitores (veja-se o quadro 1). O que se depreende do conjunto desses textos, a despeito de eventuais ressalvas, é o reconhecimento da fecundidade das ideias alheias. O próprio Durkheim, em suas cartas endereçadas a Reinach, parece relativizar sua opinião inicial sobre o

²⁵ Para as cartas de Durkheim à Reinach, cf. BENTHIEN, Rafael Faraco. *Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach*. In: *Durkheimian Studies*. Nova York: Berghahn Books, vol. 16, 2010. Já quanto à reprimenda de Hubert, veja-se, na caixa 84 das *Correspondances de Salomon Reinach* na Bibliothèque Méjanès, a carta datada de 25 de janeiro de 1899. Sobre a diferença entre os referidos manifestos, veja-se DUCLERT, Vincent. *L'affaire Dreyfus*. Paris: La Découverte, 2006.

²⁶ REINACH, Salomon. La prohibition de l'inceste et ses origines. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 10, 1899, p. 59-70.

²⁷ REINACH, Salomon. Quelques observations sur le tabou. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 11, 1900, p. 401-407; e também REINACH, Salomon. Les survivances du totémisme chez les anciens celtes. *Revue Celtique*. Paris: s. e., 1900, p. 267-306.

²⁸ REINACH, Salomon. Sur le totemisme. *L'Anthropologie*, vol. 13, 1902, p. 664-669.

²⁹ REINACH, Salomon. De quelques formes primitives de la classification. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 14, 1903, p. 601-605.

interlocutor. Afinal, agradecendo-o sempre, não deixou de sublinhar o fato de ambos estarem geralmente de acordo “quanto ao essencial”.⁵⁰

Os diálogos entre Reinach e os durkheimianos foram igualmente proveitosos em outros sentidos. Quanto ao museu de Saint-Germain, tudo indica que Reinach encontrou em Henri Hubert um potencial sucessor. Aquele confiou a este, desde cedo, importantes coleções arqueológicas (Moreau, Baye, Piette), lutou por sua promoção ao cargo de *conservateur adjoint*, abriu-lhe as portas de várias revistas acadêmicas (em especial, *L'Anthropologie* e a *Revue Archéologique*), e, ainda, tornou-o seu suplente na École du Louvre para a cadeira de Arqueologia Nacional.⁵¹ Mauss, por sua vez, soube tirar proveito da relação com Reinach em sua militância política, requisitando junto a ele recursos financeiros para atividades socialistas.⁵² Já Durkheim consultou Reinach quando estiveram em pauta temas relativos ao universo dos estudos greco-latinos e, em particular, à Académie des Inscriptions et Belles Lettres.⁵³

O que se observa a seguir não é exatamente uma ruptura da relação, mas a consolidação de certa distância entre as partes. Há, a partir de 1906, um estranhamento maior, o qual vai progressivamente perdendo força até se estabilizar e voltar a assumir contornos mais positivos por volta de 1911-1912. Vários são os indícios nessa direção: Hubert passa a publicar pouco nas revistas frequentadas por Reinach; as cartas de Durkheim e de Mauss a ele tornam-se esporádicas; e os elogios aos trabalhos alheios se diluem em meio a críticas. Os indícios hoje disponíveis sugerem que essa crise tenha sido motivada por razões intelectuais e tenha partido dos sociólogos. As resenhas dos trabalhos de Reinach sobre religião e sobre arqueologia, todas assinadas por Hubert, passaram a ter um tom negativo (veja-se o quadro 2). O ponto central da crítica recaiu sobre o que os sociólogos entendiam ser o caráter simplista do raciocínio de Reinach. Quanto ao conteúdo, acusaram-no de forçar e de generalizar uma ligação entre animismo e totemismo. Quanto à

⁵⁰ Cf. BENTHIEN, Rafael Faraco. Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach. In: *Durkheimian Studies*. Nova York: Berghahn Books, vol. 16, 2010, p. 19-35.

⁵¹ Veja-se, para mais detalhes, LORRE, Christine. Henri Hubert. In: SÉNÉCHAL, Claire; BABILLON, Philippe. (orgs.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2009. Disponível em: <http://www.inha.fr/spip.php?article2570>. Consultado em 13/08/2011.

⁵² Cf., a este respeito, na caixa 105 dos Arquivos Salomon Reinach depositados na Bibliothèque Méjanès, em Aix-en-Provence, as cartas escritas por Marcel Mauss e datadas de 10 de junho de 1902, de 30 de janeiro de 1904, de 9 e de 15 de maio de 1906.

⁵³ Cf. BENTHIEN, Rafael Faraco. Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach. In: *Durkheimian Studies*. Nova York: Berghahn Books, vol. 16, 2010, p. 25-26 e 28.

forma, condenaram o fato de suas obras se destinarem ao grande público, rotulando-as com frequência “de divulgação”.

Quadro 1 Apreciações críticas dos trabalhos de Salomon Reinach em <i>L'Année Sociologique</i> (1898-1905)		
Ano	Artigo/livro resenhado	Apreciação crítica
1898	<ul style="list-style-type: none"> • La préhistoire en Egypte d'après des récentes publications (<i>L'Anthropologie</i>, 1897) 	(apenas referência)
1901	<ul style="list-style-type: none"> • L'Amphidromie (<i>L'Anthropologie</i>, 1899) 	“uma teoria engenhosa” (p. 228)
1902	<ul style="list-style-type: none"> • Le totémisme animal (<i>Revue Scientifique</i>, 1900) • Les survivances du totémisme chez les anciens celtes (<i>Revue Celtique</i>, 1900) • Quelques observations sur le tabou (<i>L'Anthropologie</i>, 1900) • Les interdictions alimentaires et la loi mosaïque (<i>Revue des Études Juives</i>, 1900) • De l'origine des prières pour les morts (<i>Revue des Études Juives</i>, 1900) 	<p>“A tese é capciosa; ela ganharia mais com uma triagem mais rigorosa dos fatos” (p. 214)</p> <p>“o sr. Reinach tenta distinguir o tabu da interdição” (p. 215)</p> <p>“[Reinach] deixa de lado a questão do sacrifício aos mortos” (p. 247)</p>
1903	<ul style="list-style-type: none"> • Les théoxénies et le vol des Dioscures (<i>Revue Archéologique</i>, 1901) • Une formule orphique (<i>Revue Archéologique</i>, 1901) 	<p>(apenas referência)</p> <p>(apenas referência)</p>
1904	<ul style="list-style-type: none"> • L'art et la magie (<i>L'Anthropologie</i>, 1903) • La mort d'Orpheus (<i>Revue Archéologique</i>, 1902) • Sisyphe aux enfers et quelques autres damnés (<i>Revue Archéologique</i>, 1902) 	<p>(apenas referência)</p> <p>“estas hipóteses totêmicas são um terreno escorregadio e o sr. Reinach já sabe que nós não o usamos segui-lo sempre” (p. 334)</p> <p>“[Fato] interessante a ser notado” (p. 344)</p>
1905	<ul style="list-style-type: none"> • La flagellation rituelle (<i>L'Anthropologie</i>, 1904) • Les apôtres chez les anthropophages (<i>Annales du Musée Guimet</i>, 1904) 	<p>(apenas referência)</p> <p>(apenas referência)</p>

Quadro 2
Apreciações críticas dos trabalhos de Salomon Reinach em L'Année Sociologique
(1906-1913)

Ano	Artigo/livro resenhado	Apreciação crítica
1906	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cultes, mythes et religions</i>. Tome I. (Paris: Leroux, 1905) • Xerxès et l'Hellespont (<i>Revue Archéologique</i>, 1905) 	“obra de apostolado”; “reserva quanto ao método”; “reservas quanto à originalidade” (p. 174-5) (apenas referência)
1907	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cultes, mythes et religions</i>. Tome II. (Paris: Leroux, 1906) • Αωροι Βιασιονατοι (<i>Archive für Religionswissenschaft</i>, 1906) • Pourquoi Vercingétorix a renvoyé sa cavalerie d'Alésia (<i>Revue Celtique</i>, 1906) 	“pouco escrupuloso na escolha das provas”; “fogos de artifício de hipóteses” (p. 218-9) (apenas referência) (apenas referência)
1910	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Orpheus: histoire générale de la religion</i>. (Paris: Picard, 1909) • Hyppolite (<i>Archive für Religionswissenschaft</i>, 1907) 	“manual de bolso destinado ao grande público” (p. 72-73) (apenas referência)
1913	<ul style="list-style-type: none"> • <i>Cultes, mythes et religions</i>. Tome IV. (Paris: Leroux, 1912) 	“[Reinach] se atém a todos os problemas que não comportam soluções precisas” (p. 82)

A resposta de Reinach veio também na forma de textos acadêmicos. Ao resenhar a coletânea de artigos publicada por Henri Hubert e Marcel Mauss em 1909, “Mélanges d'Histoire des Religions”, por exemplo, ele afirmou:⁵⁴

A reimpressão [dos artigos em forma de coletânea] é precedida de um prefácio destinado em parte contra minhas ideias, em parte contra as de Robertson Smith. Os Srs. H[ubert] e M[auss] bem querem convir que eu “acrescentei muitos bons exemplos de mitos sacrificiais” e fazem alusões a minhas memórias sobre Orfeu, Hipólita, Acteon e Faeton. “Mas, acrescentam eles, todo animal sacrificado não é um totem. Para que exista um totem é preciso que exista um clã. Mas nós esperamos ainda que o sr. R[einach] nos

⁵⁴ REINACH, Salomon. *Mélanges d'histoire des religions*. Tomo 14, quarta série. *Revue Archéologique*. Paris: Léroux, 1909, p. 192.

demonstre a existência de clãs aos quais teriam pertencido os referidos totens". Estes senhores esperarão por um longo tempo. Mas eu esperarei talvez ainda mais que eles deem dos mitos em questão uma explicação diferente da minha e que seja coerente.

Em geral, é sempre a mesma linha de argumentação que se repete por parte do então diretor do Musée des Antiquités Nationales. Ele afirmava defender a teoria que, sendo a mais simples possível, resolveria o maior número de casos. Os sociólogos teriam, assim, e com resultados positivos, trabalhado para complexificar a análise dos estudos religiosos, mas não estariam em condições de propor teorias de alcance global.⁵⁵

Em todo caso, as críticas mútuas não impediram que, a partir de 1911, ambos trabalhassem juntos para a criação da Institut Français d'Anthropologie. Elas também não anularam, sobretudo da parte de Reinach, o reconhecimento dos méritos alheios. As hipóteses de Hubert sobre a divindade celta Nantosvelta foram por ele recebidas como "certezas".⁵⁶ Já quanto a *Les formes élémentaires de la vie religieuse*, Reinach chega a confidenciar a seu colega belga Franz Cumont que achou o derradeiro livro de Durkheim um "chef-d'oeuvre",⁵⁷ opinião reforçada em duas resenhas impressas em 1912.⁵⁸ Até sua morte, em 1933, ele publicou três necrológios elogiosos de membros da equipe de *L'Année Sociologique*,⁵⁹ assim como acolheu e resenhou seus trabalhos no pós-guerra.⁴⁰

⁵⁵ Em um texto escrito a quatro mãos com a socióloga Raquel Weiss, apresento com maiores detalhes os fundamentos epistemológicos que separaram e aproximaram Reinach e os durkheimianos quanto ao estudo do totemismo e, por conseguinte, da religião. Veja-se WEISS, Raquel; BENTHIEN, Rafael Faraco. A redescoberta de um sociólogo. *Novos Estudos Cebrap*, nº 93, julho de 2012 (no prelo).

⁵⁶ REINACH, Salomon. Nantosvelta. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 21, 1913, p. 264-265.

⁵⁷ Veja-se a carta de Reinach a Cumont, datada de 1 de agosto de 1912, depositada nos Arquivos Cumont da Academia Bélgica. Disponível em http://www.academibelgica.it/img_lettre/5385_page_2.jpg. Consultado em 13/08/2011.

⁵⁸ REINACH, Salomon. Une étude sur les religions primitives. *Revue Critique des Livres Nouveaux*. Paris: Édouard Cornely, 15 Octobre, 1912, p. 153-154. E também Id. *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. *Revue Archéologique*, Paris: Leroux, quarta série, tomo 20, 1914, p. 183.

⁵⁹ REINACH, Salomon. Robert Herz. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 25, 1915, p. 333; REINACH, Salomon. Émile Durkheim. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 30, 1917, p. 458; e REINACH, Salomon. Henri Hubert. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 26, 1927, p. 176-178.

⁴⁰ Quanto às resenhas, cf. REINACH, Salomon. Le culte des héros et les conditions sociales. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 15, 1922, p. 204 (sobre livro de Stefan Czar-nowski); REINACH, Salomon. Des clans aux empires. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 17, 1923, p. 188-189 (sobre livro coescrito por Alexandre Moret e Georges Davy); e REINACH, Salomon. Les celtes. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 32, 1932, p. 325-327 (sobre o livro de Henri Hubert). Quanto aos artigos, veja-se JEANMAIRE, Henri. La

Um museu aberto à sociologia

Se a simpatia de Reinach, por si só, permitiu que os sociólogos se fizessem representar no leque de instituições por ele frequentadas, o próprio museu de Saint-Germain foi transformado em uma espécie de laboratório da nova ciência. A figura central, nesse caso, foi inquestionavelmente Henri Hubert. Ainda que parte dos estudos que lhe foram consagrados tenha destacado uma suposta incomunicabilidade entre seus trabalhos arqueológicos e sociológicos, essa opinião não se sustenta diante de uma análise mais detida da documentação hoje disponível.⁴¹ No momento mesmo em que inicia suas atividades no museu, Hubert tem o claro intuito de promover o diálogo entre as duas ciências, tal como explicita neste trecho de uma carta sua endereçada a Mauss:⁴²

Quero trabalhar, aproveitar esse Museu. Para permanecer orientalista me ocupando das antiguidades nacionais é necessário que eu faça antiguidades nacionais a fundo. Logo vou me ocupar da preparação do catálogo, ou seja, do primeiro estudo metódico da arqueologia merovíngia: sarcófagos, tumbas, conteúdo das tumbas. Não preciso destacar que isso me separa apenas em aparência de nossos estudos; para fazer isso de forma conveniente é preciso ter as nossas preocupações.

Ao longo dos anos que se seguiram, Hubert manteve seu projeto original. É o que se constata, por exemplo, em seus trabalhos de classificação das coleções arqueológicas depositadas em Saint-Germain. Os artigos que dedicou ao tema ilustram sua constante preocupação em encontrar, na materialidade mesma dos objetos, padrões histórica e socialmente relevantes em termos técnicos, morfológicos e/ou de práticas rituais.⁴³ A Sala de Marte, cuja

politique religieuse d'Antoine et Cléopâtre. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 19, 1924, p. 241-261; e ROUSSEL, Pierre. Un règlement militaire de l'époque macédonienne. Paris: Leroux, sexta série, tomo 3, 1934, p. 39-47.

⁴¹ Veja-se, em especial, BRUN, Patrice; OLIVIER, Laurant. Henri Hubert. *Les nouvelles de l'archéologie*. Paris: Maison de Sciences de l'Homme, nº 79, 2000, p. 5-32. Para uma crítica dessa leitura, bastante colada à posição aqui defendida, cf. LORRE, Christine. Henri Hubert. In: SÉNÉCHAL, Claire; BABILLON, Philippe (orgs.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2009. Disponível em: <http://www.inha.fr/spip.php?article2370>. Consultado em 13/08/2011.

⁴² Carta inédita de Hubert a Mauss, não datada, pertencente ao Fundo de Arquivos Hubert-Mauss, do Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (cota MAS 6.36).

⁴³ HUBERT, Henri. La Collection Moreau au Musée de Saint-Germain. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 2, 1902, p. 167-206; HUBERT, Henri. La Collection Moreau au Musée de Saint-Germain (suite). *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 8, 1906, p. 337-

organização foi assumida por ele em 1910, dedicada à arqueologia comparada, é a prova maior disso. Apresentada em um escrito autobiográfico como seu “trabalho principal”, ela reunia coleções de todo o mundo, dispostas em função de recortes sociais (tecnológicos e rituais), cronológicos e espaciais.⁴⁴ Tratava-se de um microcosmo experimental, no qual a humanidade poderia contemplar, sob certos ângulos, o conjunto de suas realizações, em sua unidade e em sua multiplicidade.⁴⁵

Outros indícios do comprometimento de Hubert com uma arqueologia enriquecida pela sociologia, ou vice-versa, vêm de suas atividades docentes na École du Louvre e École Pratique des Hautes Études, onde ele atuou a partir de 1901. É bem verdade que não temos hoje condições de restituir integralmente o conteúdo de suas lições, sobretudo porque se tratavam, na maior parte dos casos, de sequências de exercícios práticos. Ainda assim, parte de suas aulas introdutórias ou teóricas sobreviveram ao tempo, permitindo ter uma ideia bastante precisa das preocupações gerais de Hubert. Chama aí atenção, em primeiro lugar, o caráter itinerante do curso. Sobre tudo passado o inverno, os alunos tinham de visitar, devidamente acompanhados pelo professor, os principais museus de arqueologia (Louvre e Saint-Germain) e de etnografia (Trocadero) franceses. Estes passeios visavam ilustrar as correlações possíveis entre diferentes modalidades de objetos, do ponto de vista da arqueologia etnográfica, da linguística e da sociologia. Hubert insiste com seus alunos na necessidade de fugir a uma explicação puramente formal dos objetos e o faz assumindo uma perspectiva histórica e/ou comparatista. Referindo-se, por exemplo, ao estudo dos adornos de objetos do neolítico, ele afirma:⁴⁶

Eu sustento que essas linhas não figuram sobre os ditos objetos a título de puros ornamentos. Em outros termos, [sustento] que elas são objeto de representações e de sentimentos obscuros, não analisáveis, do tipo de nossa categoria de mana, na qual a

371; e HUBERT, Henri. La poterie de l'âge du bronze et de Hallstatt dans la Collection Baye. *Revue Préhistorique*. Paris: s. e., tomo 5, 1910, p. 5-23.

⁴⁴ HUBERT, Henri. [Texte autobiographique rédigé le 10 mars 1915]. *Revue Française de Sociologie*. Paris: CNRS, tomo 20, 1979, p. 205-207.

⁴⁵ Remeto aqui aos textos já citados na nota 3.

⁴⁶ Nos Arquivos Henri Hubert do Musée d'Archéologie Nationale, veja-se, na caixa Cours École du Louvre, o envelope contendo três envelopes menores e intitulado Conférence Complémentaire. O trecho citado encontra-se na página 11 do primeiro envelope menor. Outra conferência pode ser encontrada na caixa Religions I. Agradeço a Christine Lorre por ter me comunicado esses e outros documentos previamente analisados e parcialmente transcritos por ela.

ideia de ornamento por um lado e o prazer estético de outro se encontram incluídas, mas certamente misturadas a todo tipo de coisas [tão?] contraditórias quanto se supõe. Do caráter formal da eficácia desses instrumentos nós [passamos?] ao caráter social das representações que eles reagrupam [?] seu uso e sua invenção.

Desse modo, embora o conteúdo de seus cursos estivesse centrado no conjunto dos povos europeus, Hubert não parece ter descartado as competências que possuía.

Toda uma nova geração de sociólogos usufruiu das aulas de Hubert e, graças a elas, da estrutura do Museu de Saint-Germain. Entre eles estiveram, para mencionar alguns nomes, Stefan Czarnowski, Henri Beuchat, Raymond Lantier e Jean Marx. Sabe-se, aliás, que ao menos dois deles, Beuchat e Lantier, trabalharam com coleções inteiras do museu, uma contribuição cuja amplitude e frutos ainda precisam ser investigados.

Considerações finais

Famoso por suas coleções únicas que abarcam desde a Pré-História até a Idade Média europeias, o Musée des Antiquités Nationales merece assim um espaço na história da emergência da sociologia universitária. Independente dos eventuais sucessos ou fracassos dos sociólogos em impor filiações teóricas diretas no campo da arqueologia, é preciso também levar em consideração a visibilidade e a legitimidade que tal instituição pôde conferir à própria empresa sociológica como um todo. Havia aí seu notável padrão de recrutamento: boa parte de seus conservadores e diretores provinham da École Normale Supérieure, representando assim o que havia de mais conceituado em termos de formação intelectual na França. Havia aí também as inserções sociais e honorárias acumuladas por esses mesmos homens: eles eram, em geral, membros do Institut, professores na École du Louvre e frequentadores de inúmeras sociedades científicas. Não seria, portanto, exagero afirmar que, entre a invenção e a tradição, o museu de Saint-Germain foi sempre mais do que o próprio museu. Ele soube acolher os sociólogos que por ele transitaram, assim como fez ecoar seus nomes e ideias para além da disciplina que o caracterizava.

Referências bibliográficas

- BASCH, S.; ESPAGNE, Michel; LECLANT, J. (orgs.). *Les frères Reinach*. Paris: Académie des Inscriptions et Belles-Lettres, 2008.
- BENTHIEN, Rafael Faraco. Lettres d'Émile Durkheim à Salomon Reinach. In: *Durkheimian Studies*. Nova York: Berghahn Books, vol. 16, 2010, p. 19-35.

- _____. *Interdisciplinaridades: latinistas, helenistas e sociólogos em revistas*. Tese de doutorado, História Social, Universidade de São Paulo, 2011.
- BERTRAND, Alexandre. *Essai sur les dieux protecteurs des héros grecs et troyens dans l'Iliade*. Paris: Catel, 1858.
- _____. *Études de mythologie et d'archéologie grecques d'Athènes à Argos*. Paris: Catel, 1858.
- _____. *Archéologie celtique et gauloise: mémoires et documents relatifs aux premiers temps de notre histoire nationale*. Paris: Didier, 1876.
- _____. *La Gaule avant des gaulois: d'après les monuments et les textes*. Paris: Leroux, 1884.
- _____. *La religion des gaulois, les druides et le druidisme*. Paris: s. e., 1897.
- BERTRAND, Alexandre; CREULY, Casimir. *Commentaires de Jules César. Guerres de Gaules*. Paris: Didier, 1865.
- BERTRAND, Alexandre; REINACH, Salomon. *Les celtes dans la vallée du Pô*. Paris: s. e., 1894.
- BRÉAL, Michel. *Mélanges de mythologie et de linguistique*. Paris: Hachette, 1877.
- BRUN, Patrice; OLIVIER, Laurant. Henri Hubert. *Les nouvelles de l'archéologie*. Paris: Maison de Sciences de l'Homme, nº 79, 2000, p. 5-32.
- CHEW, Hélène. Les échanges archéologiques internationaux au XIX^e siècle. L'exemple d'Alexandre Bertrand et du Musée des Antiquités Nationales. In: MINISTÈRE DE LA CULTURE ET DE LA COMMUNICATION. *Les dépôts de l'État au XIX^e siècle. Politiques patrimoniales et destin d'oeuvres*. Paris: Louvre, 2008.
- _____. Alexandre Bertrand. In: SÉNÉCHAL, Claire; BABILLON, Philippe. (orgs.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2010. Disponível em <http://www.inha.fr/spip.php?article2197>. Consultado em 13/08/2011.
- DUCHÊNE, Hervé. Salomon Reinach. In: SÉNÉCHAL, Claire; BABILLON, Philippe. (orgs.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2010. Disponível em <http://www.inha.fr/spip.php?article2511>. Consultado em 13/08/2011.
- DUCLERT, Vincent. *L'affaire Dreyfus*. Paris: La Découverte, 2006.
- DURKHEIM, Émile. *Lettres à Marcel Mauss*. Paris: Presses Universitaires de France, 1998 (Edição estabelecida por Marcel Fournier e Philippe Besnard).
- FOURNIER, Marcel. *Émile Durkheim*. Paris: Fayard, 2007.
- HUBERT, Henri. La Collection Moreau au Musée de Saint-Germain. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 2, 1902, p. 167-206.
- _____. La Collection Moreau au Musée de Saint-Germain (suite). *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quarta série, tomo 8, 1906, p. 337-371.
- _____. La poterie de l'âge du bronze et de Hallstatt dans la Collection Baye. *Revue Préhistorique*. Paris: s. e., tomo 5, 1910, p. 5-23.
- _____. Texte autobiographique rédigé le 10 mars 1915. *Revue Française de Sociologie*. Paris: CNRS, tomo 20, 1979, p. 205-207.
- _____. Cartas inéditas de Henri Hubert a Marcel Mauss, não datadas, pertencentes ao Fundo de Arquivos Hubert-Mauss, do Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (cota MAS 6.36).
- JEANMAIRE, Henri. La politique religieuse d'Antoine et Cléopâtre. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 19, 1924, p. 241-261.

- LORRE, Christine. Henri Hubert. In: SÉNÉCHAL, Claire; BABILLON, Philippe. (orgs.). *Dictionnaire critique des historiens de l'art*. Paris: L'Inha, 2009. Disponível em: <http://www.inha.fr/spip.php?article2370>. Consultado em 13/08/2011.
- _____. Henri Hubert (1872-1927) et l'aménagement de la Salle de Mars: un atelier de sociologie durkheimienne. *Antiquités Nationales*. Saint-Germain-en-Laye: Musée d'Archéologie Nationale, nº 41, 2010 (no prelo).
- LUKES, Stephen. *Émile Durkheim*. Londres: A. Lane, 1973.
- MAUSS, Marcel. L'œuvre de Marcel Mauss par lui-même. *Revue Française de Sociologie*. Paris: CNRS, vol. 20-21, 1979, p. 209-220.
- _____. Carta inédita de Marcel Mauss a Henri Hubert, datada de 1897 e pertencente ao Fundo de Arquivos Hubert-Mauss, do Institut Mémoires de l'Édition Contemporaine (cota MAS 6.37).
- MOHEN, Jean-Pierre. Henri Hubert et la Salle de Mars. *Antiquités Nationales*. Saint-Germain-en-Laye: Musée des Antiquités Nationales, nº 12-13, 1980-1981, p. 85-89.
- REINACH, Salomon. *Manuel de philologie classique*. Tomo 1. Paris: Hachette, 1880.
- _____. *Esquisses archéologiques*. Paris: Leroux, 1888.
- _____. *Les gaulois dans l'art antique*. Paris: Leroux, 1889.
- _____. La prohibition de l'inceste et ses origines. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 10, 1899, p. 59-70.
- _____. Quelques observations sur le tabou. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 11, 1900, p. 401-407.
- _____. Les survivances du totémisme chez les anciens celtes. *Revue Celtique*. Paris: s. e., 1900, p. 267-306.
- _____. Sur le totémisme. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 13, 1902, p. 664-669.
- _____. De quelques formes primitives de la classification. *L'Anthropologie*. Paris: G. Masson, vol. 14, 1903, p. 601-605.
- _____. *Apollo: histoire générale des arts plastiques*. Paris: Picard, 1904.
- _____. *Orpheus: histoire générale des religions*. Paris: Picard, 1909.
- _____. Mélanges d'histoire des religions. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, tomo 14, quarta série, janvier-juin 1909, p. 192.
- _____. *Eulalie ou le grecs sans larmes*. Paris: Hachette, 1911.
- _____. *Cornélie ou le latin sans pleures*. Paris: Hachette, 1912.
- _____. Une étude sur les religions primitives. *Revue Critique des Livres Nouveaux*. Paris: Édouard Córnelly, 15 Octobre, 1912, p. 153-154.
- _____. Les formes élémentaires de la vie religieuse. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, tomo 20, quarta série, 1914, p. 183.
- _____. Carta de Reinach a Cumont, datada de 1 de agosto de 1912, depositada nos Arquivos Cumont da Academia Belgíca. Disponível em http://www.academia-belgica.it/img_lettre/5385_page_2.jpg. Consultado em 13/08/2011.
- _____. *Sidonie ou le français sans peine*. Paris: Hachette, 1913.
- _____. Nantosvelta. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, tomo 21, quarta série, janvier-juin 1913, p. 264-265.

- _____. Le culte des herós et les conditions sociales. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 15, janvier-avril 1922, p. 204.
- _____. Des clans aux empires. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 17, janvier-avril 1925, p. 188-189.
- _____. *Lettres à Zoé sur l'histoire des philosophes*. Paris: Hachette, 1926.
- _____. Les celtes. *Revue Archéologique*. Paris: Leroux, quinta série, tomo 32, 1932, p. 325-327.
- POTTIER, Edmond; REINACH, Salomon. *La nécropole de Myrina*. Paris: Thorin, 1887.
- RINGER, Fritz. *Fields of knowledge*. Cambridge: Cambridge University Press, 1992.
- ROUSSEL, Pierre. Un règlement militaire de l'époque macédonienne. Paris: Leroux, sexta série, tomo 3, janvier-avril 1934, p. 39-47.
- SCHOPENHAUER, Arthur. *Essaie sur le libre-arbitre*. Trad. Salomon Reinach. Paris: Germer Baillière, 1877.
- STRENSKI, Ivan. *Durkheim and the Jews of France*. Chicago: University of Chicago Press, 1997.
- VALENTI, Catherine. *L'École française d'Athènes*. Paris: Belin, 2006.
- WEISS, Raquel ; BENTHIEN, Rafael Faraco. A redescoberta de um sociólogo: considerações sobre a correspondência entre Émile Durkheim e Salomon Reinach. *Novos Estudos Cebrap*, n° 93, julho de 2012 (atualmente no prelo).

Recebido: 05/09/2011 – Aprovado: 13/08/2012